

AUTORIDADE E ALTERIDADE

23/07/1997 Benjamin Mandelbaum

A questão de diferenciarmos a autoridade, tanto do autoritarismo quanto da falta de autoridade é fundamental em todos os níveis da nossa vida, marcadamente no espaço das relações pessoais, institucionais e sociais. A nossa própria evolução progressiva, sem ter-se claramente discriminado estas questões, sofre séria ameaça.

Nas relações societárias-institucionais históricas, podemos verificar a alternância dos extremos, entre as apresentações das ditaduras com os democratismos anômicos. O medo de uma, muitas vezes, leva reativamente a outra.

A autoridade se constitui enquanto autoria, vale dizer apossamento da criação, da obra criada, lugar de paternidade /maternidade. Interconexão de polaridades, conexão triádica, dois gerando o terceiro, onde a trindade se faz um. A autoridade necessita, para existir e ser reconhecida, de uma identidade, para poder falar de si. A identidade só se realiza na interação com a alteridade. no encontro com o distinto outro. Com os próprios olhos, podemos olhar o olhar do outro que nos olha em um reconhecimento mútuo.

Na realidade ocupamos tanto o lugar de criadores, como o de criaturas. A matéria prima é primeira em relação ao ato criativo. Só o Criador cria a partir do nada. Assim, num certo sentido, compreender a autoridade é conhecer a criatividade. Ambas implicam em sentimentos profundos e ambivalentes, que dever ser aceitos e acatados.

A autoridade baseando-se na identidade do ser em sua unicidade implica, necessariamente, na relação com a alteridade dos outros, em sua diferentes multiplicidades. Na constituição do sujeito, representa o reconhecimento da autoridade materna, na manifestação da forma e na autoridade paterna, na manifestação da força.

Em Análise Bioenergética, o Grounding é o reconhecimento da alteridade da terra, com a autoridade da Lei, que aqui é a da gravidade. É ela que nos possibilita viver este grande acolhimento que nos proporciona, podendo assim nos entregarmos intensamente às nossas sensações telúricas. Ser livre é aquele que tem consciência de sua própria inserção, senão é perdição.

O extremismo da autoridade é o autoritarismo. É a falácia da impotência mascarada de onipotência narcísica. Masculino e feminino, fecundação e gestação são valores análogos com diferentes funções, que numa versão autoritária ou se nega as diferenças polares, geradoras do processo, ou se supervaloriza um dos pólos em detrimento do outro.

A negação da co-autoria, presente no autoritarismo, também se reflete na própria falta de reconhecimento de autonomia da obra criada, cidadã do mundo que é, vida que transborda no nascimento do filho. Através da negação perversa do outro polo se desconecta o triângulo simbólico. O autoritarismo, com seus delírios de grandeza, é o lugar de cobiça do trono Divino. É através do livre-arbítrio da criatura humana que se legitima D-s como autoridade não autoritária.

Já na outra extremidade do autoritarismo, negador do outro, temos na falta de autoridade a negação dela mesma, isto é de si mesmo, como autor responsável pelo ato ou obra.. Diz-se que filho feio não tem pai nem mãe. A negação é do amor vincular, da própria criação e da responsabilidade gênica. Aqui o processo é de nadificação pela anulação retroativa na fuga da responsabilidade.

A falta da lei discriminadora que existe na anomia social, familiar ou institucional, leva a uma anulação da própria existência, possibilitando várias patologias em todos estes níveis. No plano individual, isto também é verdadeiro no organismo humano. A autoridade imunológica, por exemplo, implica no reconhecimento de identidades bioquímicas, na diferenciação do que é auto e do que é hetero. Assim, o autoritarismo imunológico se manifestaria nas hiper reações alérgicas. Já a falta do reconhecimento do que é próprio e do que é estranho estaria presente nas auto-ímmunes, auto-agressivas, como o Lupus. A anomia imunológica, com a falta de identificação, por outro lado, se manifestaria nas imuno supressivas como a Aids.

A pretexto de não reprimir, o absentéismo irresponsável da falta de autoridade é destrutivo pela negação dos diferentes níveis das responsabilidades, uma vez que a ausência de contato, com sua conseqüente responsividade, inviabiliza o surgimento do limite apaziguador. A expansão aparente cronifica-se em dissolução fragmentar, desconectando-se do movimento pulsatório da vida. A liberdade desnatura-se na falta de clareza dos lugares e funções, gerando angústias insuportáveis, aliviadas através das descargas dos acting-out psicopáticos, ameaçando a própria existência pessoal, familiar ou institucional.

A destrutividade autoritária que se dá pelo excesso, da aparente lei, através do esmagamento das diferentes partes do processo criativo, asfixia o espaço-tempo necessários tanto para a germinação quanto para a expansão e crescimento. Aqui ao invés de limite temos repressão coercitiva, contração crônica da vida, desenvolvendo tanto a paranóia persecutória, com o império do terror, quanto a obsessiva culpa depressiva, pela falta de correspondência ao modelo imposto.

Autoridade realmente é o motivo de força maior que se impõe naturalmente. Esta imposição tem vários nomes, tais como Real, Energia, Natureza, Fato (astrológico, histórico, social, psicológico, etc.) que em última, ou primeira, análise remete-nos a autoridade máxima do Grande Criador. Este, dá-nos uma resposta trans-narcísica, respondendo sobre quem Ele é: "Sou o que Sou". Só aqui o *idem* é absoluto. Só o Próprio é que se vê, e é do próprio que se institui o auto.

É, portanto, só na relação com a alteridade, em suas diferenças, que se possibilita o equilíbrio pulsante entre contração e expansão, com a vida e o mundo. O alter, isto é, o outro, remete, inevitavelmente ao auto, o mesmo *idem*, isto é, o próprio. É o que é próprio ao ser que lhe possibilita responder, responsabilmente, por si, pela própria vida e pela sua própria sociedade. Assumirmos juntos a nossa construção criativa significa sermos inexoravelmente responsáveis por ela.